

## O esvaziamento da raça e o Caribe epistêmico em *Úrsula* e *La maldición* (1859)

Alvaro Ramón García Benavides<sup>1</sup>  
Universidad de los Andes, Colombia  
a.garcia26@uniandes.edu.co

**Resumo:** Este artigo propõe uma leitura comparada de *Úrsula* (1859), da escritora maranhense Maria Firmina dos Reis, e *La maldición* (1859), do escritor colombiano Manuel María Madiedo, como duas reações estéticas e epistêmicas ao projeto colonial da nação latino-americana do século XIX. O ano de publicação compartilhado ilustra uma fratura simbólica que permite articular, a partir das margens do cânone, uma resistência discursiva à dicotomia civilização/barbárie que estruturou as utopias nacionais das elites letradas do período. A análise organiza-se em torno de três operações textuais: o esvaziamento dos conceitos raciais herdados da ordem colonial, a restituição de subjetividade aos sujeitos silenciados mediante inovações na focalização narrativa e a ressignificação do território como memória. Argumenta-se que ambas demonstram que as categorias de "raça", "barbárie" e "civilização" são construções contingentes do poder, incapazes de sustentar o peso moral que lhes atribuíram seus fabricantes. Para descrever a zona de enunciação a partir da qual operam esses textos, o artigo desenvolve a noção de "Caribe epistêmico" como modo de habitar o pensamento a partir das margens do projeto colonial.

**Palavras-chave:** Maria Firmina dos Reis; Manuel María Madiedo; Caribe epistêmico; esvaziamento racial; literatura afro-brasileira; século XIX latino-americano; colonialismo interno.

## The Emptying of Race and the Epistemic Caribbean in *Úrsula* and *La maldición* (1859)

**Abstract:** This article proposes a comparative reading of *Úrsula* (1859), by Maranhense writer Maria Firmina dos Reis, and *La maldición* (1859), by Colombian writer Manuel María Madiedo, as two aesthetic and epistemic reactions to the colonial project of the nineteenth-century Latin American nation. The shared publication year illustrates a symbolic rupture that makes it possible to articulate, from the margins of the canon, a discursive resistance to the civilization/barbarism dichotomy that structured the national utopias of the literate elites of the period. The analysis is organized around three textual operations: the emptying of racial concepts inherited from the colonial order, the restitution of subjectivity to silenced subjects through innovations in narrative focalization, and the ressignification of territory as memory. It is argued that both works demonstrate that the categories of "race," "barbarism," and "civilization" are contingent constructions of power, incapable of sustaining the moral weight assigned to them by their makers. To describe the zone of enunciation from which these texts operate, the article develops the notion of the "epistemic Caribbean" as a way of inhabiting thought from the margins of the colonial project.

**Keywords:** Maria Firmina dos Reis; Manuel María Madiedo; epistemic Caribbean; racial emptying; Afro-Brazilian literature; nineteenth-century Latin America; internal colonialism.

<sup>1</sup> Doutorando em Literatura pela Universidad de los Andes. Professor e pesquisador na Universidad del Atlántico. Currículo: [https://scienti.minciencias.gov.co/cvlac/visualizador/generarCurrículoCv.do?cod\\_rh=0002399919](https://scienti.minciencias.gov.co/cvlac/visualizador/generarCurrículoCv.do?cod_rh=0002399919) Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0886-4992>

## **I. O ano como fratura**

Há anos que a historiografia literária converte em monumentos. Este artigo busca propor o de 1859 com a potência que lhe confere a força de posições epistêmicas em resistência. Naquele ano, em dois extremos de um continente ainda balbuciente na invenção de suas identidades nacionais, publicaram-se duas obras que constituem, juntas, uma reação discursiva e estética frente ao projeto colonial que a nação latino-americana herdou e reproduziu como se fosse uma invenção própria: *Úrsula*, da maranhense Maria Firmina dos Reis, e *La maldición*, do colombiano Manuel María Madiedo. Que ambas tenham sido sepultadas pelo esquecimento durante décadas, por diferentes manobras do oblívio, é a condição de possibilidade desse mesmo cânone ao qual resistiram.

O fenômeno ao qual aqui se reage transborda cronológica e geograficamente a Sarmiento. De fato, a dicotomia civilização/barbárie operava materialmente no continente por meio de instituições concretas antes da publicação de Facundo (1845). No Império do Brasil, por exemplo, esse projeto de nação começou a orquestrar-se em 1838 com a fundação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), cuja missão era integrar o vasto território sem questionar a estrutura escravista; uma tarefa que encontraria seu complemento literário no indianismo de José de Alencar, onde a idealização do indígena como origem mítica servia para invisibilizar o africano como sujeito histórico.

Nesse contexto, convocar Facundo responde a uma decisão estritamente metodológica: o artefato sarmientino constitui a cristalização mais eloquente dessas operações ideológicas, que já contavam com um desenvolvimento prévio, como evidencia o caso brasileiro. Desse modo, Civilização e barbárie funciona neste artigo como o sintagma mais articulado e de maior circulação continental para designar uma lógica hegemônica que cada elite local codificou com seus próprios acentos e instituições.

O que está em jogo nos três casos é estruturalmente homólogo: o projeto da nação latino-americana do século XIX como empresa colonial interna, uma empresa que necessitava de hierarquias raciais estáveis, territórios domesticados e sujeitos cindidos de sua própria história para funcionar. Firmina e Madiedo reagem a esse regime epistêmico a partir de posições distintas, a escritora afro-brasileira desde o interior do Império escravista, o intelectual granadino desde a periferia do projeto liberal republicano, articulando uma operação textual que este artigo propõe ler como convergente.

Para descrever essa convergência, é necessário precisar a categoria analítica que organiza a leitura: o Caribe epistêmico. Essa noção se concebe fundamentalmente como um modo de produção de pensamento, transcendendo a estrita delimitação cartográfica. Édouard Glissant, em sua Poética da Relação, propõe que o Caribe, entendido como espaço formado pela plantação, a diáspora e o encontro forçado de culturas, gera uma epistemologia específica: a do pensamento arquipélago. Essa

perspectiva opera mediante o contato, a contaminação e a opacidade, erigindo-se como uma alternativa frente às hierarquias da identidade raiz (Glissant, 2017, pp. 87-89). A partir dessa postura, o Nordeste brasileiro de Firmina e as margens do Magdalena de Madiedo compartilham com o Caribe insular uma mesma porosidade epistêmica: são territórios marcados pela plantação e pela diáspora africana, pela presença de populações que o projeto colonial classificou como resíduos e que produziram, a partir dessa condição, formas de conhecimento e de resistência sistematicamente subestimadas pelos arquivos letrados. A zona que este artigo chama de Caribe epistêmico abarca o Nordeste brasileiro, as margens do Magdalena, o Caribe insular de Césaire e de Glissant e o Caribe continental de García Márquez. Sua essência reside na prática: a insubordinação epistemológica encarregada de converter os conceitos da ordem colonial em materiais de sua própria impugnação.

O que torna singular essa reação em *Úrsula e La maldición* é sua operação de esvaziamento dos conceitos raciais garantidores desse regime. Ambas as obras superam a inversão simples, o elogio sentimental do subalterno e os empréstimos de voz, para desdobrar um procedimento mais radical. Esse mecanismo logra demonstrar a condição vazia e intercambiável de categorias como "civilização" e "barbárie", "raça" e "natureza", "progresso" e "atraso", evidenciando sua completa incapacidade de sustentar o peso moral que lhes atribuíram seus fabricantes.

É importante precisar a natureza desta abordagem. O centro gravitacional da análise recai sobre a arquitetura narrativa e epistêmica de *Úrsula* (1859). *La maldición* é convocada mediante uma leitura em contraponto: opera como caixa de ressonância e texto iluminador para demonstrar que o esvaziamento racial orquestrado por Firmina dos Reis integrava organicamente uma fratura discursiva continental e expansiva. Por conseguinte, o design deste artigo assume uma assimetria metodológica deliberada, orientada especificamente a privilegiar a profundidade dessa leitura relacional.

## **II. A máscara do folhetim: arquitetura narrativa e dispositivo de infiltração**

O primeiro aspecto que salta à vista em *Úrsula* é uma estratégia que pode ser descrita com maior precisão como a hibridação de gêneros como procedimento de insubordinação epistêmica. Como sugere Norma Telles, Firmina adota a estrutura do romance de folhetim ultrarromântico, o amor trágico entre *Úrsula* e Tancredo, os ciúmes, os impedimentos sociais e a linguagem sentimental que a burguesia do Segundo Império Brasileiro reconhecia e esperava, para infiltrar nesse molde um conteúdo que a ideologia dominante jamais teria tolerado se chegasse sem embalagem (Telles, 1997, pp. 405-408).

O prólogo desdobra o que poderia chamar-se uma *captatio benevolentiae* com fio oculto: a autora descreve-se como alguém de "educação limitada", um escudo retórico que a cidade letrada interpretava como submissão e que na realidade era tática de sobrevivência. Publicar sob o

pseudônimo "Uma Maranhense" era, nesse mesmo sentido, um gesto duplo: ocultar-se para poder circular (Duarte, 2004, p. 247). O texto afirma:

"Sei que pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada... o seu cabedal intelectual é quase nulo." (Dos Reis, 1859, prólogo)

A crítica feminista moderna lê essa falsa modéstia como astúcia retórica: adotar uma postura de submissão era a única forma pela qual uma mulher podia contornar a censura social e publicar no século XIX. Uma vez dentro, a subversão funciona com a economia de quem sabe exatamente quando golpear. Por exemplo, o narrador onisciente de *Úrsula* atua como o que a crítica tem chamado de um veículo de "tradução da negritude": utiliza os códigos morais e estéticos do romantismo burguês, a virtude, a honra, a linguagem cristã, para tornar irrefutável a humanidade dos personagens escravizados perante um leitor que, caso se tivesse confrontado diretamente com esse argumento, o teria rejeitado. A estratégia é a de quem converte as ferramentas do senhor em armas contra o senhor: a honra e a virtude cristã, que a elite reivindicava como patrimônio exclusivo dos brancos, ficam redistribuídas no texto de Firmina para onde o sistema as negava (Duarte, 2004, p. 256).

### **III. O esvaziamento racial: condição, procedimento, prova**

O núcleo da operação aqui tratada exige uma precisão que a análise literária costuma confundir cada vez que propõe uma nova síntese salvadora. O esvaziamento dos conceitos raciais precede a inversão de hierarquias e a torna possível. Na lógica sarmientina e no projeto colonial que a sustenta, a "barbárie" era uma condição biológica e inerente à origem africana ou americana. Operar uma inversão dentro dessa lógica equivaleria a aceitar o mesmo solo: que "barbárie" e "civilização" são propriedades intrínsecas dos corpos. O gesto de Firmina é anterior e mais radical: define a barbárie como ato, como prática, desancorando-a de toda determinação racial.

A voz de Mãe Susana, que obtém seu próprio capítulo, o IX, como ato de restituição nominal, executa esse esvaziamento com precisão argumental:

"Bárbaro é aquele que rapta... bárbaro é aquele que escraviza." (Dos Reis, 2019, p. 88)

A definição opera por conduta, pelo verbo que se exerce sobre o outro, pela ação e suas consequências éticas. A África deixa de ser a origem da barbárie para converter-se no território do qual a barbárie arranca seus habitantes. Uma vez que o conceito foi desvinculado de sua ancoragem biológica, a inversão pode produzir-se. Os traficantes europeus ocupam o lugar do bárbaro porque agem barbaramente. A prova de que o esvaziamento racial teve êxito é, precisamente, que o deslocamento resulta irrefutável. Quando Susana descreve o navio negreiro:

"Acorrentados como os animais ferozes das nossas matas, que se levam para recreio dos potentados da Europa... É horrível lembrar que criaturas humanas tratem a seus semelhantes assim." (Dos Reis, 2019, p. 88)

A animalização que o discurso colonial reservava ao africano recai sobre quem a praticou. O termo funciona já como significante fluido, moldado pela ética antes que pela biologia.

O segundo movimento do procedimento é o que pode chamar-se tradução em direção à humanidade universal. O texto demonstra que Túlio e Susana possuem virtudes, a generosidade, a fidelidade, a nobreza de espírito, que os constituem como iguais morais de qualquer ser humano, independentemente dos parâmetros da "civilização europeia". Quando o narrador apresenta Túlio e Tancredo como "dois corações generosos" unidos pela fraternidade, a categoria de "Civilização" perde sua exclusividade branca e converte-se em uma categoria moral acessível a qualquer sujeito. A estratégia, como assinalou Duarte, coloca o personagem negro "discursiva e moralmente" na mesma altura ou acima do leitor branco letrado da época (Duarte, 2004, p. 256). A "Civilização" passa a designar uma disposição ética que o sistema escravista, com sua violência institucionalizada, demonstrava ser incapaz de sustentar.

Em *La maldición*, Madiedo opera um esvaziamento análogo, inscrito na tradição do costumbrismo crítico que Ariel Castillo descreveu como uma tomada de posição a favor da "barbárie americana" por ser a representação do próprio frente aos modelos importados (Castillo Mier, 2001, p. 68). Quando os bogas qualificam de "sarvaje" o Mohán, "más negro que una olla vieja, con cada pelo en todo er cuerpo que parecía un sajino" (Madiedo, 2018, p. 56), a categoria migra do lugar que o discurso hegemônico lhe atribuía: é agora um ente sem nome racial fixo, uma hipérbole que os próprios marginalizados constroem sobre o desconhecido (García Benavides, 2025, pp. 58-59). E quando o Anacoreta libera seus companheiros escravizados porque "tal es la ley de Jesucristo" (Madiedo, 2018, p. 78), Madiedo articula, na linha que Gómez Müller identifica como "crítica e reconstrução do público" em seu pensamento, uma lógica em que a fraternidade evangélica esvazia a instituição da escravidão de sua legitimidade jurídica e racial (Gómez Müller, 2009, p. 214). Ambos os romances demonstram assim que a dicotomia civilização/barbárie é uma construção ideológica sustentada pela repetição, desarmável desde a prática narrativa.

#### **IV. A subjetividade dos sujeitos silenciados: focalização e agência narrativa**

A inovação narratológica mais radical de *Úrsula* reside no tratamento dos personagens escravizados como sujeitos com interioridade, história e voz. O caso de Túlio é muito revelador. O narrador onisciente o apresenta como sujeito moral pleno:

"E o mísero sofria; porque era escravo, e a escravidão não lhe embrutecera a alma; porque os sentimentos generosos, que Deus lhe implantou no coração, permaneciam intactos." (Dos Reis, 2019, p. 24)

A oração causal é aqui um argumento político: a escravidão é uma violência institucionalizada que fracassa em seu próprio objetivo. Túlio permanece íntegro a despeito do sistema. O fato de que se expresse em um português culto e romântico é uma decisão política deliberada de Firmina: conceder-lhe um discurso elevado destrói o estereótipo da inferioridade intelectual do negro e o

coloca, discursiva e moralmente, na mesma altura ou acima do leitor branco letrado de sua época (Duarte, 2004, p. 256).

A virada narratológica maior chega no capítulo IX. O romance abandona a focalização onisciente para instalar a primeira pessoa de Susana: o sujeito silenciado toma a palavra e converte-se no que a crítica tem chamado, seguindo Conceição Evaristo, de um testemunho de escrevivência, a escrita que nasce da vivência do corpo negro, onde a voz pessoal une-se à memória coletiva da diáspora (Evaristo, 1995, p. 201):

"Túlio, meu filho, eu as amo de todo o coração... mas a dor que tenho no coração, só a morte poderá apagar! Meu marido, minha filha, minha terra. Minha liberdade." (Dos Reis, 2019, p. 90)

A enumeração final, marido, filha, terra, liberdade, é uma lista do que o sistema colonial destruiu. O texto converte a dor individual em testemunho político mediante o que poderia chamar-se o procedimento do "eu-nós": o eu que fala pelo nós da diáspora. A memória de Susana é, com toda clareza, uma manifestação coletiva, ou ao menos uma interpelação aos modos narrativos da época.

Para articular essa visão, *La maldición* recorre a uma inovação narratológica paralela: a focalização distribuída. Madiedo emprega um narrador que supera o herói romântico e penetra na polifonia de consciências da periferia. Ao acessar os pensamentos, emoções e o complexo sincretismo religioso de Diego e do boga "Juan se va", o romance dota esses personagens de uma "consciência desperta" e uma fisionomia intelectual própria. O romance mantém uma litote que rodeia a possibilidade dessa voz com cautela, sem aprofundar as propostas epistêmicas contrahegemônicas que abre.

## **V. O território como argumento: geografia e memória diaspórica**

No projeto sarmientino e seus equivalentes regionais, o território latino-americano era um problema pela sua vastidão, heterogeneidade e por ser habitado por populações que o modelo europeu de civilização não sabia classificar. A solução era a abstração, que podia converter o território em conceito, "o deserto", "a selva", para projetar sobre ele um futuro imaginado sem a interferência do que realmente estava ali.

*Úrsula* intervém nessa operação. Em cada representação da África como conceito abstrato evita-se a atribuição de um território com nome, com geografia afetiva, com história. Susana o povoa de pessoas concretas e de práticas culturais específicas:

"Tranquila no seio da felicidade, via despontar o sol rutilante e ardente do meu país... eu corria as descarnadas e arenosas praias... com o sorriso nos lábios, a paz no coração." (Dos Reis, 2019, p. 87)

O "continente negro" da imaginação eurocêntrica é, no texto de Firmina, um lugar onde viviam seres humanos completos antes que o tráfico os convertesse em mercadoria. Frente a esse espaço de paz e pertencimento, o navio negreiro funciona como seu contraponto:

"Trinta dias de cruéis tormentos... passamos nessa sepultura, até que abordamos às praias brasileiras." (Dos Reis, 2019, p. 88)

A palavra "sepultura" condensa o argumento: o navio enterra a quem deveria transportar. Ao final do relato, Susana encadeia terra e liberdade em uma única frase, "Minha terra. Minha liberdade", tornando explícita a equação que o colonialismo precisava manter oculta: a destruição do vínculo territorial é inseparável da destruição da liberdade. Em *La maldición*, o rio Magdalena ocupa o lugar do cenário presente onde se trava a batalha entre o projeto de modernização importado e as formas de vida que esse projeto quer deslocar.

## **VI. Conclusões: o Caribe epistêmico como categoria crítica**

As leituras precedentes permitem formular, com maior precisão do que a que admite uma introdução, o que se entende aqui por Caribe epistêmico e que valor analítico tem esse conceito para a comparação entre *Úrsula* e *La maldición*. A noção designa um modo de habitar o pensamento a partir das margens do projeto colonial: uma prática de enunciação que opera sobre os conceitos da ordem dominante para esvaziá-los, deslocá-los e voltá-los contra si mesmos. Suas fronteiras são porosas. Inclui o Nordeste brasileiro de Firmina, as margens do Magdalena de Madiedo, o Caribe insular de Césaire e de Glissant, o Caribe continental de García Márquez. O que a define é a operação de insubordinação epistemológica antes que a coordenada geográfica.

As três operações textuais analisadas, o esvaziamento racial, a restituição de subjetividade aos sujeitos silenciados e a ressignificação do território como memória, conformam um sistema coerente, e essa coerência é o argumento central deste artigo. O esvaziamento racial (seção III) é a condição de possibilidade das outras duas: com "barbárie" e "civilização" desvinculadas de sua carga biológica, os personagens escravizados podem comparecer como sujeitos morais plenos (seção IV) e o território pode ser lido como história densa, à margem de sua condição de vazio disponível para a modernização (seção V). As três operações são inseparáveis e sustentam-se mutuamente.

A análise evidenciou, além disso, uma assimetria produtiva entre os dois textos. *Úrsula* executa o procedimento desde o interior do romantismo sentimental: utiliza a hibridação genérica para tornar irrefutável perante o leitor burguês a humanidade dos escravizados. *La maldición* o executa a partir da tradição costumbrista: Padilla Chasing assinalou que essa corrente desenvolveu na Nova Granada uma "capacidade crítica" que excedia a simples descrição de tipos sociais para converter-se em um instrumento de avaliação moral da ordem estabelecida (Padilla Chasing, 2021, p. 43). Em ambos os casos, a forma é o argumento: a decisão genérica constitui já uma tomada de posição epistêmica.

A aposta política mais radical de ambas as obras reside em demonstrar que a diferença sobre a qual se funda a desigualdade racial é uma construção do poder. Proclamar a igualdade teria

significado reconhecer ao adversário a autoridade de declará-la; demonstrá-la a partir da prática narrativa é um gesto de outra ordem: converte a ficção em um laboratório onde as categorias da ordem colonial são submetidas à prova e se revelam vazias. "Barbárie" e "civilização" são máscaras intercambiáveis. O território é história em sua forma mais densa. Os sujeitos silenciados existiam antes de a literatura os convocar, com sua memória intacta.

Que *Úrsula* tenha permanecido ignorada durante quase um século e que *La maldición* jamais tenha ingressado no cânone do romance colombiano do XIX são fatos que este artigo registra como parte constitutiva do argumento. O esquecimento foi a operação simétrica e inversa da que esses textos executaram: o cânone requeria que essa demonstração não circulasse. Reler ambas as obras em 1859 como um acontecimento simultâneo é também uma tarefa historiográfica. Restituir-lhes a condição de fratura que o tempo, com a cumplicidade do cânone, lhes havia subtraído é, em definitivo, a aposta deste artigo.

## REFERÊNCIAS

- CASTILLO MIER, Ariel. El río y las letras. **Aguaita**, Cartagena, v. 5, p. 66-74, 2001.
- DOS REIS, Maria Firmina. *Úrsula e outras obras*. Edição crítica organizada por Eduardo de Assis Duarte, 3.<sup>a</sup> ed., Editora Mulheres / PUC Minas, 2004.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Maria Firmina dos Reis e os primórdios da ficção afro-brasileira. In: REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. 3 ed. Florianópolis: Editora Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas, 2004, p. 247-268.
- EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MARTINS, Nadir O. et al. (Org.). *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 1995, p. 201-212.
- GARCÍA BENAVIDES, Alvaro Ramón. Aproximación crítica a la novela *La maldición* (1859) de Manuel María Madiedo: la construcción de las fronteras culturales del Río Grande de la Magdalena. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2025. Dissertação de Mestrado, Universidad Nacional de Colombia, Bogotá, 2025.
- GLISSANT, Édouard. *Poética de la relación*. Tradução por Luis Cayo Pérez Bueno. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, 2017.
- GÓMEZ MÜLLER, Alfredo. Crítica y reconstrucción de lo público en el pensamiento de Manuel María Madiedo. In: MÚNERA, L.; RODRÍGUEZ, N. (Org.). *Fragmentos de lo público-político: Colombia siglo XIX*. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2009.
- MADIEDO, Manuel María. *La maldición*. Bogotá: Diente de León, 2018.
- PADILLA CHASING, Iván. *Manuela y el socialismo utópico*. Bogotá: Filomena Edita, 2021.
- REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula e outras obras*. Edição crítica organizada por Eduardo de Assis Duarte. 3 ed. Florianópolis: Editora Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas, 2004.
- SCHMIDT, Rita Terezinha. Descentrando o cânone: a escrita de autoria feminina e a historiografia literária brasileira. In: BAIRROS, Maria Helena de. (Org.). *Desafios e perspectivas das ciências humanas na virada do século*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998, p. 135-152.
- TELLES, Norma. Escritoras, escritas, esperanças. In: DEL PRIORE, Mary. (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 1997, p. 401-442.